



Recebido em: 08/05/2014

Aceito em: 15/05/2014

HUNTER, D. G. Clerical celibacy and Veiling of Virgins: New Boundaries in Late Ancient Christianity. In: KLINGSHIRN, W. E.; VESSEY, M. **The Limits of Ancient Christianity**. The University of Michigan Press, Ann Arbor, p. 139-152, 1999.

Resenhado por Fabiano de Souza Coelho¹

PPGHC/UFRJ

<http://lattes.cnpq.br/2802555703136531>

O professor Ph.D. David G. Hunter do Departamento de História da Universidade de Kentucky, tem dedicado nos últimos anos suas pesquisas em torno do início do Cristianismo, da Patrística, do casamento e celibato sacerdotal na Igreja, em particular, estuda e escreve sobre autores eclesiásticos dos séculos IV-V, a saber, Agostinho, Ambrósio, Ambrosiaster e Jerônimo.

No artigo **Clerical celibacy and Veiling of Virgins: New Boundaries in Late Ancient Christianity** apresentou questões relevantes para os pesquisadores do Cristianismo na Antiguidade Tardia; Hunter nesse trabalho faz uma demonstração de como escritores cristãos, em especial, Ambrosiaster e Ambrósio pensaram a questão da condição de homens e mulheres no Cristianismo no final do século IV d. C.

O pesquisador inicia seu artigo abordando que irá nos mostrar as duas práticas decorrentes do período do século IV (virgindade e celibato), ancorado na hipótese de que o ascetismo das virgens e o celibato dos sacerdotes emergem como forma do clero masculino ocidental estabelecer sua identidade e defender

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ), orientado pela Professora Doutora Regina Maria da Cunha Bustamante (IH/UFRJ). Pesquisa: Cristianismo, Identidade e Poder: um estudo comparado das representações de gênero nas obras de Jerônimo e Agostinho (entre os anos 390 a 415 d. C.).

suas prerrogativas em oposição ao ascetismo das mulheres. No final do século IV, o celibato entra em questão como uma forma de definir especificamente o grupo masculino de sacerdotes, como representantes e intercessores de uma comunidade a parte de todos os cristãos, tanto homens como mulheres.

Para o autor, os clérigos do ocidente ante a influência do rico e poderoso ascetismos das mulheres aristocráticas romanas tentaram criar um sistema de dominação masculina sobre estas religiosas. Desta maneira, os bispos iniciaram uma espécie de controle daquelas mulheres que seriam virgens consagradas da Igreja; no final do século IV, a cerimônia de imposição do Véu as Virgens surge ao mesmo tempo que o celibato clerical como uma necessidade no Cristianismo; sendo que o Véu das Virgens foi um evento episcopal, ou seja, o bispo era o presidente dessa celebração e, com isso, se tornava o agente de delimitação do controle feminino. Logo, além de ser um instrumento de controle, a tomada do véu era um mecanismo simbólico de distinguir aquelas mulheres consagradas pelos bispos daquelas que fizeram uma profissão privada.

Para Hunter, o véu foi um símbolo não apenas como um sinal de aliança da virgem consagrada com Cristo, mas uma forma de o bispo exercer sua autoridade, como representante de Cristo; essa tese teve como base as cartas paulinas e os comentários bíblicos de Ambrosiaster – esse foi defensor da noção de autoridade clerical; de maneira singular entre os escritores da Patrística, Ambrosiaster argumentava que a mulher não foi criada a imagem de Deus, porque a imagem de Deus estava representada apenas no homem, isto é, o homem era a imagem de Deus e não a mulher; e a mulher por ser criada a partir da costela do homem, de acordo com Gênesis, essa nunca exercia autoridade sobre o homem. Ambrosiaster em seu comentário a 1 Cor 11, 3-16 mostra que o “véu” é o sinal de submissão da mulher e de autoridade dos “anjos” que são os bispos – essa interpretação das escrituras tem como base o livro de Apocalipse na qual os “anjos” que presidiam várias igrejas; ademais, ainda a mulher não tinha direito de falar na Igreja, porque o sacerdote fala em nome de Cristo.

Uma ideia importante em Ambrosiaster, nos apresentada por Hunter, é a noção de representante de Cristo ou Vigário de Cristo, exercida pelo clero masculino – além disso, o artigo nos mostra que a mulher também deve ser subordinada a Igreja, a autoridade eclesiástica, pois ela não é imagem de Deus; esta noção envolve todas as mulheres tanto casadas quanto as virgens consagradas que receberam o véu. Logo, em Ambrosiaster a autoridade sacerdotal sobre as mulheres se baseia na ideia de que esses clérigos são *legatus* e *vicarius* de Cristo e falavam ou representavam a *persona* de Cristo.

Da mesma forma, nos demonstra o referido autor no artigo que conforme Ambrosiaster, os clérigos devem se abster de relações sexuais, pois eles são chefes representantes e vigários de Cristo; com isso, um ministro de Cristo deve estar diante de Deus em estado absoluta pureza. Ambrosiaster se utiliza de expressões romanas como *legatos*, *vicarius*, *antestes* e *actor* para argumentar sobre o celibato sacerdotal e a subordinação das mulheres, e, descrever a função dos sacerdotes; essas expressões eram usadas por pessoas que tinham cargos públicos na sociedade romana da época. Desta feita, a função pública dos bispos exigia do mesmo o celibato, pois eram representantes e mediadores das comunidades.

Ademais, no demonstra Hunter, que no final do século IV, Ambrosiaster não era o único que escreve sobre celibato sacerdotal e a condição feminina na Igreja; temos também o bispo de Milão, Ambrósio. O bispo Ambrósio, diferentemente, apresenta que na virgindade das mulheres estaria o verdadeiro sacerdócio. Nos escritos ascéticos de Ambrósio – temos uma visão menos pessimista sobre as mulheres se compararmos com a de Ambrosiaster.

De acordo com Hunter, Ambrósio representa os homens e as mulheres como foram feitos a imagem e semelhança de Deus; nos escritos de Ambrósio existe uma visão mais moderada e não tão negativa ante as mulheres consagradas de Roma; Ambrósio entende que o sacerdócio virginal das mulheres era semelhante ao celibato sacerdotal masculino; esse faz uma apologia sobre a virgindade e, com isso, a mulher virgem oferece a Deus seu corpo como templo divino e um sacrifício de gratidão a Deus.

Por fim, o autor termina o artigo apresentando o contraste entre as ideias de sacerdócio continente e a virgindade em Ambrósio e Ambrosiaster. Aponta-nos Hunter a diferença entre os escritos desses dois autores; Ambrósio se esforçava em recrutar as virgens para assim aumentar sua autoridade episcopal sobre leigos e clérigos. Ambrosiaster observou no ascetismo feminino uma ameaça a autoridade clerical. Nesse contexto do final do século IV, conforme escreveu autor, temos a insistência da necessidade do celibato clerical, portanto, tornou-se cada vez mais esperado que o clero incorporasse um grau similar de renúncia como a da continência sexual; assim, o celibato clerical emerge como um quesito necessário da autoridade espiritual no âmbito do poder eclesiástico.